



ola@grandesite.com.br

## “BOYS DON’T CRY”: UMA ANÁLISE DA (DES)CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO EMO

Franco de Moura Monteiro, Ana Luiza; Mestranda;  
Universidade Federal de Juiz de Fora, analuizamonteiro@outlook.com<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo desta deste trabalho gira em torno de uma análise de como o movimento emo constrói uma expressão — tanto emocional quanto visual — de uma masculinidade que diverge das formas idealizadas do que é considerado “masculino” na sociedade ocidental contemporânea, ao mesmo tempo que desconstrói certos paradigmas impostos ao que é considerado “ser homem”.

Para isso farei o uso dos estudos desenvolvidos por teóricos como Pierre Bourdieu (1998), R. Connell (2000), Judith Butler (1988) e Teresa De Lauretis (1987). Essa escola de estudiosos do gênero teria surgido sob a influência de teóricos como Michael Foucault (1987) e seu estudo sobre sistemas jurídicos de poder, e a partir daí teria começado a amadurecer uma possibilidade de se estudar o gênero em um espectro mais amplo, a fim de entender como discursos desde a medicina e anatomia até a moda e o comportamento têm colaborado para uma classificação, representação e controle dos corpos humanos. Assim, poderemos entender como o corpo masculino não determina os padrões de masculinidade, eles são definidos e disciplinados pela ordem genderizada da sociedade, e o gênero é a forma como os corpos são desenhados na história, com os corpos como simples campos sobre os quais recai a construção dos padrões de gênero.

Assim, parto do entendimento do ser *emo* como uma **identidade performativa**, ou seja, uma identidade que é construída através das relações sociais e contexto em que está

---

<sup>1</sup> Bacharel em Artes e Design e em Moda, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora.

[ola@grandesite.com.br](mailto:ola@grandesite.com.br)

(CONNEL, 2000, p.14), de forma que diferentes construções podem ocorrer em diferentes configurações.

O *emo* desafiou padrões convencionais ao renegar o comportamento “macho” e bruto, muito comum em outros subgêneros do rock — como o *metal*, o *hardcore* e o *punk* — em prol de uma representação de si menos artificial, na qual podiam comunicar seus sentimentos exatamente como eram, sem a preocupação de simular uma masculinidade socialmente imposta. Esses ideais acarretaram o desdobramento de uma comunidade bem mais inclusiva, mesmo que de forma inicialmente não intencional — mas após o crescimento do *emo* enquanto um movimento juvenil, ficou claro que a inclusão era um de seus principais objetivos. Assim, o *emo*, junto com seu lápis de olho preto e franja cobrindo metade do rosto, trouxe também uma nova possibilidade de expressão da masculinidade.

**Palavras-chave:** emo; masculinidade; cultura juvenil.